

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Memórias em forma de canção: a velha guarda da Portela e a transmissão de saberes em Oswaldo Cruz

Fábio Oliveira Pavão (Fundação CECIERJ / SEEDUC)

Resumo: Em Oswaldo Cruz, zona norte do Rio de Janeiro, as narrativas hegemônicas no campo das representações sobre o bairro remetem a um passado idealizado que vincula o samba, especialmente a formação do G.R.E.S. Portela, ao processo de formação da própria localidade. Isso confere, primeiramente, uma identidade peculiar, capaz de distinguir Oswaldo Cruz dos demais subúrbios que estão ao seu redor. Também confere vantagens e prestígio para os sambistas, que podem, por exemplo, gerenciar suas particularidades culturais como um recurso, conseguindo benefícios junto ao poder público. Todavia, na complexa realidade de nossos dias, os jovens, como em qualquer grande cidade, mesmo em suas áreas periféricas, encontram práticas culturais mais atrativas, fazendo surgir novas narrativas sobre o bairro. Diante do bombardeio de informações do mundo globalizado e das novas tecnologias, o grande desafio que se coloca em Oswaldo Cruz, assim como em outras comunidades historicamente vinculadas ao samba, é promover a transmissão dos saberes. Neste contexto, a velha guarda da Portela, formada por senhores com uma história de vida dedicada ao samba, tem lugar de destaque. Nos relatos do passado, muitas vezes em forma de belas canções, gerações se encontram para exaltar a memória, estabelecendo um diálogo entre o presente e passado.

Palavras-chaves: Memória; Sociabilidade; Cultura popular.

1 – O bairro e seus mitos

Distante cerca de vinte quilômetros do centro da cidade, o subúrbio de Oswaldo Cruz é parte da 15ª Região Administrativa do Rio de Janeiro, também conhecida como “Grande Madureira”. A história deste bairro, assim como de seus vizinhos, está diretamente associada à construção de novas estações na Estrada de Ferro Central do Brasil. No final do século XIX, mais precisamente em 1898, é inaugurada a estação Rio das Pedras, localizada no vale do rio com o mesmo nome. Ao longo das primeiras décadas do século XX, milhares de imigrantes, proveniente das áreas centrais do Rio de Janeiro, fugindo das transformações urbanas impostas pelo poder público, desembarcaram nesta estação. Em 1917, em homenagem ao famoso sanitarista morto naquele ano, ela seria rebatizada com a sua denominação atual.

Além destes imigrantes, outro contingente populacional chegava à região proveniente das zonas rurais do sudeste. Esta mistura entre elementos rurais e urbanos, formando um verdadeiro caldeirão cultural suburbano, vai distinguir Oswaldo Cruz, e a “Grande Madureira” de uma forma geral, de outras áreas da cidade. As terras que hoje formam este pedaço do subúrbio carioca pertenciam a Fazenda de Campinho, que dominava a região, e

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

ao Engenho do Portela, propriedade de Miguel Gonçalves Portela. Após o loteamento das terras do velho engenho, o topônimo Portela sobreviveu na principal via que ligava o bairro a Madureira, a Estrada do Portela (VARGENS e MONTE, 2001, p.25). É no entorno desta estrada que os imigrantes, com suas múltiplas origens, vão se estabelecer.

Entre os jovens que chegaram ao bairro nas primeiras décadas do século XX está Paulo Benjamim de Oliveira, mais conhecido como Paulo da Portela. Nascido na Saúde, Zona Portuária do Rio de Janeiro, próximo ao centro da cidade, ele foi a principal liderança comunitária do bairro, lutando pela dignidade dos sambistas e pela aceitação de sua prática cultural pela sociedade, atuação que fez Silva e Santos, suas biógrafas, definirem-no como “traço de união entre duas culturas” (SILVA e SANTOS, 1980). Juntamente com Antônio Caetano, desenhista da marinha mercante que vivia em Quintino Bocaiúva, e Antônio Rufino, natural do interior de Minas Gerais, integrou o triunvirato que fundou e administrou a Portela em seus primeiros anos. Os três, com origens e experiências de vida distintas, personificam a própria heterogeneidade da população suburbana naquele período, além da riqueza cultural que esta mescla entre o rural e o urbano era capaz de produzir. Paulo da Portela faleceu em 1949, aos 48 anos, mas seus ensinamentos se perpetuaram através dos anos, lembrados e servindo de referência até os nossos dias. Antônio Caetano e Antônio Rufino faleceram no início da década de 1980, mas a Portela, legado principal da união dos três ainda na juventude, permanece pujante para a cultura popular, conhecida no Brasil e no exterior.

Segundo Silva e Santos, em 1923, ano de fundação da Portela, Oswaldo Cruz era conhecido como a “roça”. A descrição do local inclui elementos tipicamente rurais, como a existência de currais em toda parte, a inexistência de serviços públicos, como falta de calçamento, luz e água encanada, além de dificuldades como a existência de valões nas vias públicas (SILVA e SANTOS, 1980, p.39). Com efeito, para as narrativas que hoje destacam o feito dos sambistas no passado, estas adversidades teriam sido superadas pela força da coesão social, virtude que também explicaria o sucesso de sua escola de samba. Assim, a formação de Oswaldo Cruz e da Portela se une como elemento central da narrativa, de forma que a história do bairro e do samba na região se confunde. Neste contexto, naturalmente, os sambistas possuem posição privilegiada nas representações sobre Oswaldo Cruz. Estamos diante do que, em outra oportunidade, definimos como “mito de fundação da Portela”, que destaca a saga de pessoas diferentes, de origens distintas, que, com a força da coesão social, seguindo o exemplo de mestres como Paulo da

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Portela, superaram as adversidades encontradas em um subúrbio em formação e construíram uma instituição reconhecida internacionalmente. Uma instituição que, ao longo das décadas, ajudou a gravar alguns dos estereótipos que definem a própria noção de “brasilidade” (PAVÃO, 2010, p.305).

Ao longo dos anos, este mito foi ratificado pela ascensão da Portela, que, após conquistar seu primeiro triunfo no carnaval de 1935, tornou-se, nas décadas seguintes, a escola de samba mais vitoriosa do Rio Janeiro. Os símbolos criados pelos fundadores, como as cores azul-e-branca e a águia, idealizadas por Antônio Caetano, passaram a representar o próprio bairro. O sucesso dos sambistas do bairro, que deixaram sua marca na música brasileira, sendo gravados por alguns de nossos principais intérpretes, também evidencia a importância da cultura do samba para a região. Todavia, alguns fatores contribuíram para o surgimento de novas narrativas que, na prática, põe em risco a hegemonia do samba no campo das representações sobre o bairro. Podemos citar três específicos.

Em primeiro, o afastamento entre a Portela e seu núcleo comunitário original. Este é um processo que, longe de estar restrito à agremiação de Oswaldo Cruz, caracteriza as escolas de samba de uma forma geral. Ele está diretamente associado à participação de novos grupos sociais nas agremiações carnavalescas, promovendo significativas alterações estéticas, rituais e estruturais que, como consequência, encarece o espetáculo e afasta a população de baixa renda. Isso ocorre a partir das décadas de 1960 e 1970, e, apesar de ser um processo que afeta o carnaval de uma forma abrangente, tem na Portela uma das protagonistas destas transformações.

Em segundo lugar, está o processo de transformação do próprio bairro. Ao longo dos anos, Oswaldo Cruz cresceu, chegaram novos moradores, sem nenhuma identificação com as antigas relações do passado. Durante a década de 1970, por exemplo, a construção de um conjunto habitacional da COHAB recebeu um grande contingente populacional oriundo de antigas favelas removidas em outras partes da cidade, de forma que a população local, assim como o bairro, também se transformou neste processo.

Em terceiro lugar, mas não exatamente desassociada dos dois primeiros, embora bem mais abrangente, estão às transformações na própria sociedade. A ascensão das “culturas juvenis”, como o *funk* e o *hip-hop*, afastou as novas gerações das velhas práticas culturais de seus antepassados. A este cenário se junta o advento das “novas tecnologias”, que, como veremos mais adiante, dificulta a boa e velha transmissão oral, típica das

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

manifestações de cultura popular. Neste contexto, em algumas narrativas que, já na década de 1980, ignoraram a presença do samba e dos sambistas da região, tentava-se fomentar uma nova memória urbana e moderna (BARATA, 2006, p.02).

Para os sambistas e lideranças comunitárias, contudo, os vínculos históricos com o samba conferem a Oswaldo Cruz uma identidade peculiar, distinguindo-o dos demais subúrbios que estão ao seu redor. No cenário atual da região, podemos compreender a cultura como um campo de disputas e embates, em que é necessário, para os sambistas, ratificar a condição hegemônica de suas narrativas. Se tomarmos como referência autores como Stuart Hall, podemos entender que a hegemonia é um momento específico e temporário da vida em sociedade, que precisa ser constantemente ratificada, mesmo depois de conquistada, pois não existe qualquer garantia de que ela permanecerá inalterada pelos anos seguintes. Elas precisariam, portanto, ser construídas e mantidas, resultando a conquista de um grau substancial de consentimento popular (HALL, 2006, p.293).

Todavia, para além da existência de embates culturais, da necessidade de ratificar a hegemonia do samba nas representações sobre o bairro, está o que George Yúdice definiu como “usos convenientes da cultura”, que é a sua capacidade de ser gerenciada. Podemos compreender, por este prisma, a promoção de culturas nativas e patrimônios nacionais. Neste contexto, a reivindicação das diferenças culturais é conveniente na medida em que, em suas relações cotidianas, dão poder a uma determinada comunidade (YÚDICE, 2006, p.454). Assim, para as lideranças comunitárias, além aferir uma identidade peculiar a Oswaldo Cruz, a cultura, transformada em recursos, confere vantagens para os moradores do bairro, por exemplo, nas reivindicações feitas junto ao poder público. Um obstáculo difícil de superar, contudo, é a já citada dificuldade para garantir a transmissão dos velhos saberes tradicionais para os mais jovens, o que, para além das dificuldades de Oswaldo Cruz, podemos verificar, de uma forma geral, em vários patrimônios culturais imateriais, inclusive em outras comunidades de samba.

2 – Desafios na transmissão dos saberes

Em sua tese de doutorado em educação, intitulada “A escola é o silêncio da batucada? Estudo sobre a relação de uma escola pública no bairro de Oswaldo Cruz com a cultura do samba”, Augusto César Gonçalves e Lima realizou uma rigorosa pesquisa de campo em uma escola da região, buscando compreender a relação entre a cultura escolar e a cultura do samba, tendo como referências as representações sobre o bairro. O pesquisador partiu

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

da hipótese inicial de que os alunos, vinculados a uma escola situada em um bairro com longa tradição de samba, teriam alguma relação com esta cultura. Contudo, ao longo de seu trabalho, Lima constata que as iniciativas voltadas para a “cultura referência do bairro”, conforme ele mesmo classificou, tanto por parte da instituição de ensino quanto pelos alunos, limitava-se a organização de um desfile ecológico para discutir a questão ambiental. Assim, contrariando sua hipótese, o pedagogo se defrontou com a diferença entre representação e realidade, percebendo a heterogeneidade de Oswaldo Cruz e as multiplicidades de narrativas sobre o bairro. Em sua conclusão, Lima justifica tal discrepância entre suas expectativas iniciais e o resultado final pelo sucesso das “novas culturas juvenis” e a “impossibilidade do local se fechar à influência do global” (LIMA, 2005, p.230).

Esta pesquisa é especialmente importante por ter como foco o ambiente escolar, isto é, local frequentado pelos moradores mais jovens. É exatamente nesta parcela da população que estão as maiores dificuldades para a transmissão dos saberes tradicionais, pois, bombardeados por informações e expostos a novas práticas culturais mais atrativas, o contato entre gerações, permitindo a transmissão oral, torna-se um hábito em extinção. É exatamente visando incentivar a transmissão dos saberes tradicionais junto aos jovens que o Centro Cultural Cartola conseguiu, em 2007, junto ao IPHAN, o reconhecimento de três vertentes do samba carioca como “patrimônio cultural imaterial” do Brasil.

Localizando na Rua Visconde de Niterói, via pública margeia o morro da Mangueira, a poucos metros da quadra de ensaios da famosa agremiação verde-e-rosa, o Centro Cultural Cartola é referência na valorização da memória do samba carioca. Para obter a chancela de patrimônio cultural imaterial, conferida pelo IPHAN ao partido-alto, ao samba de terreiro e ao samba-enredo, o Centro elaborou o chamado “dossiê das matrizes do samba carioca”, formulado por renomados pesquisadores ligados ao samba. A Portela consta deste documento como uma das seis escolas de samba mais representativas para as “matrizes do samba”, ao lado de Império Serrano, Acadêmicos do Salgueiro, Estação Primeira de Mangueira, Unidos de Vila Isabel e Estácio de Sá. O documento ressalta a formação do subúrbio de Oswaldo Cruz e a importância dos sambistas neste processo, em especial o legado de Paulo da Portela, ratificando a hegemonia das narrativas dos sambistas e lideranças comunitárias. Todavia, em Oswaldo Cruz, assim como nas demais localidades destacadas, todas associadas aos núcleos mais tradicionais de samba, a transmissão dos saberes para as novas gerações encontraria obstáculos. (PAVÃO, 2010, p.251 e 252).

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

É neste sentido que o documento faz sugestões de salvaguarda. Entre elas, está a necessidade de se incentivar as pesquisas de campo e históricas nas comunidades de sambistas, fazendo levantamentos sobre a produção musical e estimulando a gravação. Este trabalho é especialmente importante porque, sem gravação, muitas obras sobrevivem apenas na memória dos mais velhos, estando sob o risco iminente de desaparecimento diante das dificuldades da transmissão oral. Seguindo o dossiê, este enfraquecimento dos processos tradicionais teria favorecido o surgimento de espaços formais de aprendizado, centrado na separação entre professor e aluno. Esta característica se tornou padrão em vários aspectos rituais de uma escola de samba, substituído a velha oralidade, ou seja, a participação em um ambiente familiar comunitário, em que adultos e crianças se misturam. Para o desaparecimento da figura do “versador”, mestres do improviso, típicos da cultura popular, que, no samba, é um personagem essencial para a vertente “partido alto”, o dossiê reivindica a valorização de espaços para a prática compartilhada entre os mais velhos e os jovens. Desta forma, a sugestão é a realização de encontros de versadores nas próprias comunidades, contando sempre com a presença dos mais jovens e o registro em áudio e vídeo, ajudando a difundir e revitalizar a prática (PAVÃO, 2008, p.10).

Contudo, o cerne do problema parece passar ao largo das propostas do dossiê. Como fazer os jovens, bombardeados diariamente por novas informações, submetidos aos lançamentos da indústria cultural, que convivem diariamente com as novas tecnologias, abdicarem de toda novidade oferecida pela modernidade e se interessarem pela boa e velha tradição oral de seus pais e avós? A questão é complexa e os organizadores do dossiê não oferecem respostas. O próprio fato destas comunidades de sambistas estarem inseridas em uma grande região metropolitana, onde vivem cerca de 12 milhões de pessoas, aparece apenas em uma passagem do material, em que, brevemente, a “globalização” e a “crise urbana” são apresentadas como motivos para o afastamento dos moradores de “seus” valores tradicionais” (PAVÃO, 2010, p. 255). Desta forma, a questão permanece: como garantir a transmissão de saberes, mesmo com o aumento de recursos financeiros, diante de um cenário tão adverso? Em Oswaldo Cruz, sambistas e lideranças comunitárias optaram por um caminho bem original.

3 - A festa como exaltação à memória

Em meados de 1990, lideranças comunitárias e sambistas já haviam percebido que era necessário reagir para ratificar a hegemonia de suas narrativas sobre o bairro. É neste

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

momento que surge o movimento “Acorda Oswaldo Cruz”, embrião de todos os projetos culturais e sociais que foram desenvolvidos nos anos posteriores. A Associação dos Moradores do bairro (AMOC), com a maioria de seus membros integrando partidos de esquerda, tem papel fundamental nas ações que foram desenvolvidas. Em 1998, a AMOC, cujo símbolo une a linha férrea e uma águia, dois símbolos do bairro, inaugura o Centro de Capacitação Profissional Paulo da Portela, oferecendo cursos e qualificação profissional. Fazer com que os jovens moradores conheçam suas narrativas sobre a história do bairro, como a referência ao principal fundador da Portela sugere, foi, desde o início, um dos objetivos das lideranças comunitárias, cujo nome mais conhecido é o de Marquinhos de Oswaldo Cruz.

Marcos Alcântara Sampaio, nome de batismo de Marquinhos de Oswaldo Cruz, personifica as figuras do sambista e do líder comunitário. Embora, de fato, os projetos tenham sido ações coletivas, ele é sempre lembrado como o principal responsável pelas bem sucedidas iniciativas que vão procurar transmitir, através de festas e eventos que deram visibilidade ao bairro, a memória dos velhos sambistas. Ele é o principal idealizador do “trem do samba”, ou “pagode do trem”, o primeiro e mais famoso projeto posto em prática na região. A ideia inicial era bem simples. No dia 02 de dezembro, data em que se comemora o dia nacional do samba, os sambistas e líderes comunitários pegariam um trem na gare Central do Brasil, terminal ferroviário do centro do Rio de Janeiro, e cantariam sambas ao longo do percurso até Oswaldo Cruz. No bairro suburbano, fariam um show com o repertório exclusivamente compostos por sambas. As primeiras edições foram sucessos tão grandes que, com o passar dos anos, o evento se tornou cada vez mais complexo. Com o apoio da Supervia, concessionária do serviço ferroviário do Rio de Janeiro, os organizadores conseguiram, inicialmente, uma composição exclusiva, o que se transformou, poucos anos depois, em quatro composições exclusivas que faziam o trajeto em horários marcados, em que cada vagão era ocupado por um grupo de samba específico, especialmente os que fazem o chamado “samba de raiz”. Até a saída da última composição, vários shows aconteciam em um palco montado na Central do Brasil. Em Oswaldo Cruz, o número de palcos aumentou na proporção em que novas atrações participavam do evento, totalizando três no final dos anos 2000.

Sucesso absoluto, o evento passou a atrair, anualmente no dia 02 de dezembro, uma multidão de frequentadores para Oswaldo Cruz, muitos deles se aventurando pela primeira vez no subúrbio. Na prática, o “trem do samba” colocou oficialmente o dia nacional do

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

samba no calendário de festividades da cidade, inspirando outras iniciativas, como a “Barca do samba”, que, cantando sambas, cruza a Baía da Guanabara, entre o Rio de Janeiro e Niterói. O sucesso foi tão grande que, para não atrapalhar a rotina da cidade, passou a ser realizado no primeiro sábado de dezembro. Além dos palcos montados, os bares do local também criaram suas próprias rodas de samba, de forma que a localidade, neste dia, recebendo gente de várias partes da cidade, vivencia o samba em cada esquina, reforçando as narrativas que privilegiam os sambistas. Para os moradores, a história dos sambistas locais é aprendida de forma lúdica. Pela primeira vez em suas vidas, muitos jovens que possuem outros hábitos assistem a uma animada roda de samba, promovendo o encontro entre gerações que o já mencionado dossiê das matrizes do samba carioca considera em vias de desaparecimento. Naturalmente, os organizadores exigem que o repertório seja exclusivamente composto por sambas. Todavia, na periferia dos locais onde o grande público se aglomera, podemos perceber os jovens ouvindo *funk*, *charme*, *hip-hop* e outros gêneros musicais que fogem ao controle dos organizadores.

Um aspecto importante neste evento é a tentativa de se estabelecer uma continuidade histórica. Segundo Silva e Santos, Paulo da Portela costumava reunir seus amigos no trem que partia às 18h04 da Central do Brasil, em direção ao subúrbio de Oswaldo Cruz. Aproveitando que a maioria dos portelenses trabalhava no centro da cidade, era uma oportunidade para discutir assuntos de interesse da agremiação, transformando o trem em uma espécie de sede móvel da Portela (SILVA e SANTOS, 1980, p.43). Apesar de Marquinhos de Oswaldo Cruz, inicialmente, ter negado a relação entre o fato do passado e o evento do presente, a continuidade histórica se impõe com a força da ancestralidade, escrevendo nas ações dos sambistas pioneiros a inspiração para o sucesso em nossos dias. É impossível não nos lembrarmos das “tradições inventadas” de Hobsbawm e Ranger, para quem esta “continuidade histórica”, que formariam os componentes subjetivos de uma nação, em grande parte seriam construções “inventadas”, resultados de elaborações recentes fundamentadas em um propósito (HOBSBAWM e RANGER, 2002 p.22 e 23).

Outro evento que procura estabelecer uma continuidade histórica com o passado é a “feijoada da família portelense”, também organizada por Marquinhos de Oswaldo Cruz, desta vez juntamente com a velha guarda da Portela. Realizada pelo G.R.E.S. Portela, com periodicidade mensal, a ideia inicial era realizar uma roda de samba tradicional, em volta de uma mesa, remetendo às antigas rodas de samba realizadas pela escola. Além do “samba de raiz”, os visitantes poderiam degustar um bom prato de feijoada, comida típica

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

dos sambistas e do universo afro-brasileiro de uma forma geral. Isso também remetia ao passado, ao famoso “feijão da Vicentina”, eternizado em uma das mais famosas canções de Paulinho da Viola. Agora, a tarefa de preparar o quitute caberia a “Tia Surica”, herdeira das tradições culinárias do grupo.

De 2003, ano da primeira edição, até os nossos dias, a “feijoada da família portelense”, assim como o pagode do trem, cresceu bem mais rápido do que seus idealizadores haviam planejado. As rodas de samba informais foram substituídas por verdadeiros shows, em que a velha guarda recebe convidados especiais, que também fazem o “samba de raiz”, com ampla divulgação na mídia. Em pouco tempo, o evento trouxe um grande público, muitos vindos da zona sul da cidade, para curtir uma agradável tarde de samba no subúrbio, degustando uma suculenta feijoada. O sucesso foi tão grande que as demais escolas também passaram a realizar feijoadas mensais, criando um calendário mensal para que as datas dos eventos fossem conhecidas pelos frequentadores. Assim, todos sabem que a feijoada da Portela é realizada sempre no primeiro sábado de cada mês.

O terceiro evento que valoriza o samba em Oswaldo Cruz é a chamada “feira das Yabás”, outra idealização de Marquinhos de Oswaldo Cruz. Também realizado com periodicidade mensal, o evento, além de um palco montado na Praça Paulo da Portela, que recebe convidados especiais para uma tarde de samba, reúne várias barracas com quitutes associados ao samba, como galinha com quiabo, feijoada, caldo verde e outros. É uma verdadeira “feira gastronômica do samba”, nome que aparece em algumas divulgações direcionadas para um público mais amplo. Contando com o apoio da prefeitura do Rio de Janeiro e outros patrocinadores, o evento exalta a memória do samba em praça pública, reforçando a hegemonia deste gênero musical.

O último evento, na verdade, trata-se de um projeto chamado “perímetro cultural de Oswaldo Cruz”. Ele foi idealizado pelo professor Rogério Rodrigues, hoje um dos diretores culturais da Portela. Em linhas gerais, ele pretende sinalizar os lugares de Oswaldo Cruz que remetem diretamente à fundação da Portela, como as ruas em que viveram os fundadores, as casas em que aconteciam as rodas de samba tradicional etc. Para concretizar a iniciativa, o idealizador, juntamente com jovens fãs da Portela, fizeram reuniões com parlamentares e com secretários municipais, encontrando sempre como obstáculo a necessidade de que alguma empresa privada ajude a financiar o projeto. Eles se encontraram, também, com a Associação de Moradores, que, embora tenha apoiado o projeto, posicionaram-se contra algumas iniciativas, como a ideia de tombar a estação de

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

trem. Esquecida pelas reformas nas estações ferroviárias promovidas pela Supervia e pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, os moradores reivindicavam exatamente a reforma do espaço. Assim, evidencia-se que, além das bem intencionadas propostas de preservação do passado, estão os interesses de quem vive quotidianamente os problemas do bairro, pouco importando, para eles, o fato da estação preservar as características arquitetônicas da primeira metade do século XX.

Apesar da iniciativa pouco ter avançando, esbarrando na burocracia pública e no interesse dos moradores, o professor Rogério Rodrigues organizou um passeio cultural para os fãs da Portela que o apoiavam no projeto. Denominada de “viagem sentimental a Oswaldo Cruz”, consistia em um passeio orientado pelo bairro, seguindo um roteiro minuciosamente preparado com os lugares históricos para os sambistas do bairro, especialmente para a Portela. Assim, andando pelas ruas, contrastando com o vai-e-vem de pessoas em suas vidas diárias, o grupo recria os espaços físicos do passado, a partir de uma arqueologia imaginária que revive os primeiros anos da Portela. Para esta iniciativa, assim como para as demais festas que exaltam a memória, um grupo de pessoas assume a condição de protagonistas na tarefa de recordar o passado, recriando no presente os valores que orientaram a fundação da Portela e a formação no bairro, de acordo com a narrativa dos sambistas. Este grupo é a velha guarda da Portela.

4 – A velha guarda da Portela

Nas escolas de samba, a velha guarda é formada por um grupo de pessoas da terceira idade, com uma história de vida dedicada à agremiação carnavalesca. Além das atividades ligadas ao samba, uma velha guarda de escola de samba realiza uma série de outros eventos sociais e culturais, como festas, encontros e passeios. A Portela tem dois grupos denominados de velha guarda. O primeiro deles, a “galeria da velha guarda”, reúne senhores que exerceram várias atividades na agremiação. Eles se reúnem na “Portelinha”, antiga sede da Portela, construída na década de 1950 e desativada em 1972, com a construção da quadra atual, o “Portelão”, localizado na Rua Clara Nunes.

Além deste grupo, há a “velha guarda show”, um conjunto musical formado por iniciativa de Paulinho da Viola, em 1970. O grupo permanece em atividade, tendo uma alta rotatividade entre seus membros. Em alguns casos, algumas pessoas mais jovens, filhos ou filhas de ilustres sambistas da região, são convidados a fazer parte do grupo. O Conjunto musical da Velha Guarda da Portela faz enorme sucesso, sobretudo entre aqueles que

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

gostam do bom “samba de raiz”. Eles se apresentam em todo o Brasil e no exterior, lançando álbuns, inclusive, em terras japonesas. O sucesso nos palcos, contudo, contrastam com a humildade de suas vidas diárias, de senhores da terceira idade, com todas as dificuldades inerentes a esta condição, que moram no subúrbio carioca.

Nos dias de hoje, em que as escolas de samba estão cada vez mais associadas às novidades tecnológicas, com espetáculos cada vez mais complexos que necessitam de especialistas em várias áreas, com a obrigação de gerar cada vez mais lucros, parece não ter mais lugar para o saber tradicional dos senhores da velha guarda. Com efeito, pelo menos desde a década de 1970, com a presença dos banqueiros do jogo do bicho, não apenas a velha guarda, mas os próprios sambistas foram progressivamente excluídos dos postos de comando. Todavia, como definiu Ecléa Bosi, ao deixarem de ser o propulsor da vida presente da comunidade, resta-lhes a obrigação de lembrar, de ser a memória do grupo e da instituição (BOSI, 1979, p.23 e 24).

Em todos os projetos mencionados anteriormente a velha guarda da Portela possui lugar de destaque. No trem do samba, o vagão mais disputado é o da velha guarda, assim como o palco de shows mais concorridos. Na “feijoada da família portelense”, eles são os anfitriões, recebendo os convidados. Na “feira das Yabás”, além de participar dos shows, seus integrantes, especialmente as senhoras, vendem quitutes para os visitantes. Na “viagem sentimental a Oswaldo Cruz”, foi a partir da descrição deles que o roteiro do passeio foi elaborado. Para usarmos um termo de Giddens (1997), a velha guarda é a “guardiã da tradição”, ou da memória coletiva. Eles conviveram diretamente com os fundadores, de forma que, nas reuniões da Portelinha ou sobre o palco, os portelenses enxergam valores que devem ser seguidos pelo grupo, como a organização e a elegância, uma herança, sobretudo, dos ensinamentos de Paulo da Portela.

São os ensinamentos da velha guarda, portanto, que revitaliza as narrativas dos sambistas, incentivando a criação dos projetos no bairro de Oswaldo Cruz. A história da Portela pode ser compreendida como uma ação coletiva, unindo, de forma atemporal, os fundadores, que a construiu, a velha guarda, que a interpreta e transmite, e os jovens, que também a interpreta de acordo com as suas visões de mundo. Este processo ocorre, além do contato entre gerações, pelas letras de suas músicas, que revivem, em grande parte, um período distante, rememorando histórias que, transformadas em canções, atravessam o tempo e são interpretados pelas novas gerações.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

5 – Memórias em forma de canção

Em geral, as músicas que integram o repertório da velha guarda show da Portela foram compostas por sambistas de Oswaldo Cruz, sejam atuais ou do passado. Neste segundo grupo, estão as composições de sambistas já desaparecidos, com músicas que, graças ao sucesso do grupo, embora antigas e já tendo feito sucesso entre os sambistas, conseguiram pela primeira vez gravação e divulgação. Em relação à temática das letras, a grande maioria deste repertório é formada por músicas que revelam desilusão amorosa, o que, por sinal, pode ser visto como uma característica do samba de uma forma geral, não apenas dos veteranos da velha guarda. Outras letras revelam a nostalgia pelo próprio passado, externando uma reflexão diante do envelhecimento, o que é perfeitamente compreensível, tratando-se da obra de senhores que enfrentam as dificuldades da terceira idade. O que nos interessa aqui, contudo, é outro grupo de composição. São as obras que procuram lembrar o passado, recordando histórias e personalidades que, graças às canções da velha guarda, são revitalizadas e aprendidas pelas novas gerações. Para concluir este artigo, apresento alguns exemplos destas canções.

Uma constatação inicial é que Paulo da Portela é o personagem principal das canções que exaltam as memórias do passado, embora outros sambistas também mereçam destaque. A exaltação ao passado vitorioso da Portela também é o tema de várias canções, evidenciando, assim, os dois eixos que monopolizam a “temática da memória”: os ensinamentos de Paulo e as conquistas da Portela. Neste sentido, podemos citar, por exemplo, a canção “corri pra ver”, de Monarco, Chico Santana e Casquinha:

*Ouvi cantando assim
A majestade do samba
Chegou chegou
Corri pra ver
Pra ver quem era
Chegando lá
Era a Portela
Era a Portela do seu natal
Ganhando mais um carnaval*

*Era a Portela do Claudionor
Portela é meu grande amor
Era rainha de Oswaldo Cruz
Portela muito nos seduz
Foi mestre Paulo seu fundador
Nosso poeta e professor*

O samba acima destaca o papel fundamental de Paulo da Portela como compositor (poeta) e líder (professor). Cita também a figura de Claudionor, considerado um dos maiores passistas da história do carnaval. Outro personagem lembrado é Natalino José do Nascimento, o famoso Natal da Portela, um líder que, comandando a agremiação na maioria dos seus títulos, entre as décadas de 1950 e 1970, tornou-se um mito entre os

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

moradores do subúrbio. Estas mesmas referências históricas se repetem em outras obras, como no samba “Portela, passado de glórias”, uma composição de Monarco:

*Portela, eu às vezes meditando,
Quase Acabo até chorando
Que nem posso me lembrar
Teus livros têm tantas páginas
Belas
Se for falar da Portela,
Hoje não vou terminar
A Mangueira de Cartola,
Velhos tempos do apogeu
O Estácio de Ismael,
Dizendo que o samba era seu
Em Oswaldo Cruz,*

*Bem perto de Madureira
Todos só falavam
Paulo Benjamin de Oliveira
Paulo e Claudionor quando chegavam
Na roda de samba abafavam
Todos corriam para ver
Pra ver, se não me falha a memória
No livro da nossa história tem
Conquistas a valer Juro que
Não posso me lembrar se eu for falar
Da Portela hoje não vou terminar*

A obra relembra, mais uma vez, Paulo da Portela e Claudionor. Vale destacar que, ao contrário de Paulo, que é sempre exaltado como liderança, possuindo, inclusive, um busto de bronze em sua homenagem, exposto numa praça pública que também leva o seu nome, Claudionor é praticamente desconhecido. As músicas da velha guarda, cantadas em coro pelo público nos eventos da região, são uma das poucas lembranças de sua passagem pelo bairro, de seu sucesso como grande sambista. De certa forma, são as composições da velha guarda que ainda mantém vivo o legado de Claudionor Marcelino, permitindo que seu nome e feitos continuem sendo lembrados. Nesta composição específica, além da exaltação ao passado vitorioso da Portela, também é possível notar, mesmo que de forma implícita, um desconforto com o atual momento da agremiação nas disputas carnavalescas. Há mais de trinta anos sem triunfar, o passado é o “livro de páginas belas”, em contraste com os problemas do presente. Temos, assim, uma característica tipicamente romântica, que é a “fuga da realidade”. Podemos verificar de forma mais evidente esta característica em “vaidade de um sambista”, composição do compositor Chico Santana:

*Um dia um sambista em sua
vaidade
Disse que vitória pra Portela é
Banalidade
Mais tarde outro dizia
Mesmo derrotados
Cantaremos com alegria
Ganhar todo mundo sabe,
Sorrir e sente prazer*

*Mas o bonito é saber perder
A Portela enfrenta
Derrota como vitória
O seu passado é repleto de glória
O seu azul e branco quando desce é
Pra valer Só a Portela sabe
Ganhar e perder*

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Seguramente, a maior parte das “memórias em forma de canção” foi composta por Hildemar Diniz, o mestre Monarco. Aos 82 anos, ele é o líder do conjunto musical da velha guarda show, a voz mais conhecida do grupo. Sua figura é a própria imagem dos ensinamentos dos velhos mestres, a elegância que serve de espelho para os portelenses. Em “Portela desde que nasci”, ele lembra mais uma vez os feitos de Paulo da Portela, desta vez ao lado dos outros dois principais fundadores da agremiação: Antônio Caetano e Antônio Rufino.

*Eu sou Portela
Desde os tempos de criança
Ainda guardo na lembrança
Algo e vou revelar
Me lembro o Paulo
Quando sorrindo dizia
Ao sambista que surgia
O segredo e o seu modo de
Cantar*

*Ficava alegre quando ouvia
O entoar de um hino
Lá vem Rufino, novidades ele vem
Apresentar
Abriu-se o pano surge o mano
Caetano
Abelardo fracassou
Seu chapéu caiu na linha
Seu terno melhor rasgou*

Por fim, vale apenas mencionar, também, “De Paulo a Paulinho”, em que Monarco estabelece uma continuidade histórica entre passado e presente a partir da comparação entre o fundador e Paulinho da Viola. Assim, Paulinho, o “sucessor”, que segue “na mesma trilha” do fundador, é o herdeiro de seu legado, dos ensinamentos do “professor”:

*Antigamente era Paulo da Portela
Agora é Paulinho da Viola
Paulo da Portela, nosso professor
Paulinho da Viola, o seu sucessor
Vejam que coisa tão bela
O passado e o presente
Da nossa querida Portela
Paulo, com sua voz comovente
Cantava, ensinando a gente
Com pureza e prazer*

*O seu sucessor na mesma trilha
É razão que hoje brilha
Vaidade nele não se vê
Ó Deus
Conservai esse menino
Que a Portela do Seu Natalino
Saúda com amor e paz
Quem manda um abraço é Rufino
Pois Candeia e Picolino
Lhe desejam muito mais.*

É assim, nas festas que tomam conta das ruas de Oswaldo Cruz, em suma, que a história vivida pelos fundadores é reinterpretada e transmitida pela velha guarda da Portela, de acordo com o olhar do presente sobre o passado. A disputa pela hegemonia das narrativas, na realidade de embates culturais que caracteriza nossos centros urbanos, é ininterrupta, fazendo-se e desfazendo-se diariamente, nas ruas e praças. Neste subúrbio singular, que faz e refaz sua identidade no ritmo do batuque do samba, os ensinamentos dos velhos mestres

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

se atualizam na forma de belas poesias, no passado descrito entre notas musicais. São, pois, reminiscências transformadas em arte, singelas memórias em forma de canção.

Bibliografia:

BARATA, Denise. Nos trilhos da memória ou “uma beleza que o Rio desconhece”. *Anais da 25ª Reunião de Brasileira de Antropologia*, Volume 01: Goiânia, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

GIDDENS, Anthony. “A vida em uma sociedade pós-tradicional” In: *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 1997 (p. 73 a 133).

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. “Introdução”. In: *A invenção das tradições*. Org. _____. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LIMA, Augusto César Gonçalves e. *A escola é o silêncio da batucada? Estudo sobre a relação de uma escola pública no bairro de Oswaldo Cruz com a cultura do samba*. Tese de doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2005, digitalizada.

PAVÃO, Fábio Oliveira. *O samba como patrimônio*. Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, 2008.

_____. *A dança da identidade: os usos e significados do samba no mundo globalizado*. Tese de doutorado em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, digitalizada.

SILVA, Marília & SANTOS, Lígia. *Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Edições Funarte, 1980.

VARGENS, João Baptista & MONTE, Carlos. *A Velha Guarda da Portela*. Rio de Janeiro: Manati, 2001.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Outros:

Dossiê das matrizes do samba carioca: partido-alto samba de terreiro samba-enredo, produzido pelo Centro Cultural Cartola – <http://www.iphan.gov.br> .